

A produção de sentidos sobre morte no telejornalismo

The production of meanings about death in television journalism

Michele Negrini

Graduada em Sistemas de Informação, pelo Centro Universitário Franciscano – Unifra, e em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; mestre em Comunicação e Informação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS; doutora em Comunicação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RGS; professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.

Resumo

O objetivo deste trabalho é observar a construção do discurso sobre morte e sobre os mortos no “Jornal Nacional” e no “Jornal da Band”. O *corpus* foi composto por seis edições do JN e seis edições do JB, as quais foram ao ar no período de 20 a 25 de outubro de 2008. Foram enfocados, neste estudo, todos os casos de morte apresentados nos telejornais que compõem o *corpus*. Tomou-se como suporte metodológico a análise do discurso de linha francesa.

Palavras-chave: Morte. Produção de sentidos. Telejornalismo.

Abstract

The objective of this paper is to observe the construction of the discourse about death and the dead on “Jornal Nacional” and “Jornal da Band”. The corpus is constituted by six editions of “JN” and six editions of “JB”, which were aired in the period of October 20 to 25, 2008. In this study, all the cases of death presented in television journalism that consist the corpus are focused. We took, as methodological support, the French branch of Discourse Analysis.

Keywords: Death. Production of meanings. Television journalism.

¹ Uma versão preliminar e resumida das reflexões propostas neste artigo foi apresentada no VIII Encontro Nacional de História da Mídia, realizado em Guarapuava, no Paraná, em abril de 2011.

A produção de sentidos sobre morte no telejornalismo**1. Introdução**

A televisão se consolidou como um dos principais meios de comunicação das sociedades atuais. Através dela, os espectadores têm possibilidade de acesso a informações, cultura e entretenimento, legitimados pela imagem.

A programação televisiva tem o poder de nortear conversas cotidianas do público, de direcionar os horários das pessoas, e de fazer com que famílias se reúnam durante várias horas em frente ao aparelho. A televisão está completamente inserida na vida cotidiana e serve como um forte laço social. Fecchine (2006) salientou que a TV consegue fazer a articulação entre o individual e o coletivo, sincronizando o cotidiano das pessoas com o de grupos sociais bem mais amplos: “Produz, com isso, um sentido de ‘estar com’ que se manifesta pela copresença que a similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa) e a simultaneidade da transmissão (ao mesmo tempo) propiciam” (FECCHINE, 2006: 1-2). A televisão proporciona uma espécie de encontro de pessoas que não se conhecem, que nunca vão estar juntas, mas que têm a oportunidade de ser espectadoras da mesma programação, de contemplar as mesmas imagens, de rir ou de chorar diante do mesmo espetáculo.

A TV é um veículo que fascina o grande público. Dá possibilidades aos indivíduos de obterem novidades, de se entreterem e de terem uma compreensão diversificada do mundo. É um meio de comunicação com ampla inserção entre públicos distintos e heterogêneos, podendo ser uma forma de laço entre eles.

Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dele como quer, sem ter que prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social (WOLTON, 1996: 65).

A TV constitui-se em destaque entre os veículos de comunicação, tendo em vista que ela geralmente ocupa um lugar especial nas residências das pessoas e tem espaço no cotidiano do público. Para Rezende (2000: 31): “Inegavelmente, a TV é o principal veículo de comunicação do sistema de comunicação de massa brasileiro”. Na atualidade, ela tem passado por constantes mudanças na programação e na forma de focar os conteúdos apresentados, que implicam a exaltação da espetacularização no contexto televisivo. Esta espetacularização é um ingrediente presente, inclusive, na grade de jornalismo de muitas emissoras, as quais, mesmo que de forma sutil, apresentam programas *shows* como forma de sedução do público.

Um conjunto de elementos, como exploração das emoções e especulações sobre a vida particular das pessoas envolvidas nos casos apresentados, misturados com itens do jornalismo ocupam constantemente o espaço do jornalismo televisivo. Falar na união entre jornalismo e espetacularização remete à postura de muitos telejornais, como o “Jornal Nacional” e o “Jornal da Band”, diante de eventos que envolvem temas polêmicos, como a morte.

O “Jornal Nacional” e o “Jornal da Band” são telejornais de credibilidade no cenário nacional e, cada um com suas peculiaridades, possuem configurações que os tornam objetos interessantes e singulares para estudos. Está se tratando de telejornais de referência e com respaldo entre o público, mas que, ao tratar da morte, acabam recorrendo a recursos espetaculares. A espetacularização é uma forma de repassar aos telespectadores as ilusões de que estão acompanhando o fato jornalístico em sua essência:

O espetáculo jornalístico em cena, no telejornal, seria dimensão essencial da ilusão da realidade, já que as cenas representadas em suas notícias seriam percebidas pelo público como reais e autônomas, independentemente de influências do meio (COUTINHO, 2003: 62).

Nas palavras de Szpacenkopf (2003), o telejornal não é nada mais que um espetáculo formado por informações que são percebíveis, pois as notícias, com o decorrer do tempo, podem se tornar obsoletas e sem valor mercadológico. Ele é um espetáculo que tem horário para começar e para ser finalizado, com a função de informar, divertir, além de alertar a audiência, a qual precisa ser mantida. A autora salientou que, no espetáculo, não há continuidade, o começo e o fim de uma tarefa estão muito próximos. E o telejornal faz parte da lógica do *show*, sendo submetido às leis espetaculares.

No pensamento de Szpacenkopf (2003), o telejornal pode ser considerado um espetáculo de variedades, porque ele dá destaque, em sua pauta cotidiana, a notícias de sofrimento e de violência. A violência apresentada no telejornalismo, muitas vezes, resulta em morte. Esta última é, na maior parte dos casos, levada ao ar com enfoque espetacular.

Os espetáculos de violência e morte são atrativos ao grande público. Szpacenkopf (2003) evidenciou que mesmo os que dizem não gostar de violência acabam sendo atraídos por contemplá-la nos meios de comunicação e acabam se interessando por notícias com este conteúdo, “[...] seja porque querem estar informados, seja porque precisam saber o que pode lhes acontecer, seja porque defensivamente podem ver na tela o que poderiam fazer, mas que são os outros que fazem” (SZPACENKOPF, 2003: 257).

É característica do espetáculo que a realidade seja levada para a cena de forma dura, nua e crua. Assim, quanto mais

A produção de sentidos sobre morte no telejornalismo

completo, global e natural for o real a que o público vai ter acesso, maior será a probabilidade do noticiário de captar audiência. A informação oferecida pela televisão vai ter impacto entre o público com o oferecimento de imagens do mundo mais completas do que aquelas tidas no local do fato. E o processo de “complementação” da realidade é a espetacularização (CANAVILHAS, 2001).

2. A morte no telejornalismo

A morte é uma temática dotada de complexidades. Ela é um assunto cujas reflexões, hipóteses e argumentos, fora do campo biológico, têm especificidades das características de cada cultura e, também, do período histórico em que vai ocorrer. Concepções sobre a mortalidade também podem ser influenciadas por crenças religiosas. A morte é uma temática estrutural para o homem, pois ele só se entende a partir do reconhecimento de sua condição de mortal (SIMMEL, 1998). Os seres humanos constituem a única espécie que tem a consciência da morte (RODRIGUES, 1983) e a certeza da finitude no decorrer de sua existência. Diante disso, as formas de viver são delineadas pelo conhecimento acerca do fim da vida.

O posicionamento do homem diante da finitude humana está relacionado com a sociedade e com a cultura a que se está vinculado. O espaço, a localização geográfica e a religiosidade são aspectos importantes na determinação dos modos de o ser humano agir diante da morte. Loureiro (1998: 92) refletiu as diferenciações existentes nas atitudes das pessoas diante do fim da vida:

As atitudes diante da morte dependem das relações que os homens mantinham uns com os outros e com a natureza, do seu apego a bens e de sua religião. No passar inexorável do tempo, as relações entre os homens modificam-se e as imagens que o homem faz da vida e da morte se diferenciam (LOUREIRO, 1998: 92).

Ocorreram mudanças, no decorrer do processo histórico, nas atitudes das sociedades ocidentais diante da doença e da morte. Essas alterações se deram de forma lenta e gradual. Ao se observar o comportamento das pessoas diante da finitude humana no decorrer da história, as diferenciações nos modos de agir se tornaram salientes.

A finitude humana, que foi plenamente presente no cotidiano das sociedades medievais, tornou-se um assunto considerado interdito nas sociedades ocidentais urbanas da atualidade (ARIEËS, 2003). Apesar disso, a temática da morte tem evidente espaço nos meios de comunicação. Mouillaud (2002), fazendo referência ao jornalismo impresso, apontou que a morte faz parte da pauta cotidiana do jornalismo e que diferentes tipos de mortos ocupam as páginas dos jornais, como os mortos de serviço, que com-

põem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer parte da história; e o “grande morto”, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

Para Rodrigues (1983), as mídias alastram a impressão de um grande barulho e de uma intensidade ao se falar sobre a morte. O referido autor fez questionamentos sobre que tipos de morte são apresentados nos meios de comunicação e concluiu que são simplesmente mortes que ocorrem sobre a tela da televisão ou sobre um papel de jornal, mas que elas são incapazes de perturbar o ritmo da vida cotidiana. Tais mortes não levam o homem a pensar na decomposição humana, não o deixam diante de reflexões sobre a sua existência e não transformam as relações sociais. “São mortes excepcionais, pouco prováveis, violentas, acidentais, catastróficas, criminosas, ou que atingem pessoas importantes e excepcionais. Em suma: não são mortes” (RODRIGUES, 1983: 229).

De acordo com Barbosa (2004), na contemporaneidade, há uma nova forma de ver a morte, e essa representação é guiada pelos meios de comunicação. Os meios, na concepção da autora citada, mostram como devem ser os rituais diante da morte, os lugares de preservação da lembrança e os aspectos que precisam ser levados em consideração em relação à finitude. Eles levam a morte até as casas dos espectadores, mesmo que a morte seja proibida nesse ambiente, e constroem o imaginário da morte, fazendo com que ela se torne pública.

No mundo contemporâneo, marcado pelo individualismo, a morte deixa de ser gradativamente familiar e próxima, para ser cada vez mais a morte do outro. [...] Diante da cena midiática é espetáculo banal, mesmo que os gestos ritualizados devam ser dramáticos. O que importa são os instantes que antecedem ao desfecho previsível. Seja a crueldade, o assassinato frio e calculista, seja a doença interminável. Ambos interrompem uma trajetória (BARBOSA, 2004: 3).

Barbosa (2004) salientou que a televisão, nas suas transmissões cotidianas, constrói duas perspectivas de mortos: o morto comum, que é objeto da violência corriqueira, e o morto notável, que teve a sua vida dotada de atos evidentes. A autora em destaque enfatizou que são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão. É destacada como espetáculo midiático a trajetória do morto quando era vivo, sendo mostrada como algo exemplar, que merece ser lembrada e cultuada. É característica do discurso midiático o enaltecimento das características “positivas” do grande morto, a ponto de torná-lo um herói diante do público, o que pode causar identificação.

A morte de alguém comum, para ganhar espaço midiático, tem que ser uma morte fortuita, que tenha aspectos que

A produção de sentidos sobre morte no telejornalismo

possam tocar na intimidade do ser humano. A morte midiática não é corriqueira, ela é imprevisível, violenta e tem que significar uma ruptura.

No caso da morte violenta, a mídia explora o espetáculo da brutalidade que ocasiona a morte. Diante de um quadro de guerra urbana e de desigualdade social, que leva cotidianamente à proliferação da morte, os meios de comunicação têm um conjunto de elementos a sua disposição para construção de um espetáculo (BARBOSA, 2004). Toda a violência, que vai ocasionar a morte, passa a fazer parte do enredo midiático.

Os meios de comunicação dão aos espectadores a oportunidade de fazer a experiência da morte no cotidiano. Tal experiência tem a garantia de ser distante, de não bater momentaneamente à porta de quem a contempla, de não perturbar, o que faz dela perfeita. A apresentação da morte na cena midiática oportuniza ao público a discussão de um tema que lhe é, ao mesmo tempo, caro e maldito, que lhe causa sensações boas e ruins; uma verdadeira polêmica para-histórica. Nada melhor para o homem que acessar a morte através do jornal ou pela televisão, assim ela fica longe de seu cotidiano.

3. Produção de sentidos

A análise de discurso de linha francesa (AD) permite ao estudioso da linguagem fazer análises dos variados discursos que emergem na sociedade a partir de determinações sociais, políticas e culturais. O analista de discurso se preocupa com o processo de produção de sentidos, pois o objetivo de uma análise sob esse viés é desvelar os sentidos subjacentes ao sistema linguístico (ORLANDI, 2001).

A AD procura compreender a língua fazendo sentido, na relação com as condições de produção. Ela não toma a língua como um sistema abstrato, mas como inserida no mundo, fazendo parte da vida dos homens, isto é, de sujeitos os quais ocupam determinada posição como membros da sociedade (ORLANDI, 2007).

Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam e dos sujeitos que leem, o meio em que o texto se materializa e as relações de poder envolvidas.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (ORLANDI, 2007: 47).

O sujeito enuncia a partir de um determinado lugar, e este lugar é um distintivo para o que ele diz. A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada aos interlocutores do discurso. Os sentidos se dão de acordo com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras. No caso específico do discurso jornalístico, Mariani (1998) explicou que a produção de sentidos das notícias se dá a partir de um jogo de influências no qual estão presentes as impressões do próprio jornalista (que são sujeitos históricos), dos leitores e, também, da linha política do jornal.

No caso do “Jornal Nacional” e o “Jornal da Band”, que têm um discurso notadamente polifônico, é relevante falar em paráfrase – compreendendo a paráfrase como a repetição, ao longo de um texto, de um mesmo sentido. Diferentes formulações para um mesmo dizer caracterizam a paráfrase. Também se pode dizer que é paráfrase a constante repetição dos sentidos de um enunciado principal. Nos processos de paráfrase, em todo enunciado sempre há características que se mantêm (ORLANDI, 2007). A paráfrase representa a retomada dos mesmos lugares do dizer. A tendência à constante repetição de sentidos, caracterizada pela paráfrase, pode levar à redundância.

4. Os sentidos da morte

O “Jornal Nacional”, da Rede Globo, possui um discurso que se configura com muita riqueza de detalhes e pode ser considerado um objeto com interessantes aspectos para análise. O programa tem ampla credibilidade entre o público brasileiro e traz o respaldo dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner para apresentar temáticas polêmicas como a morte. Da mesma forma, o “Jornal da Band”, da Rede Bandeirantes, também possui um discurso com características interessantes para serem analisadas.

Diferentes tipos de mortes estão presentes na rotina dos dois telejornais. Nas programações do JN e do JB, há espaço para alguns dos principais tipos de morte elencados por Mouillaud (2002) como presentes no jornalismo: os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras; e os “grandes mortos”, que se destacam pela sua fama na sociedade.

Por uma opção metodológica, decidiu-se pela análise de seis edições do “Jornal Nacional” e seis edições do “Jornal da Band”, as quais foram ao ar nos dias 20, 21, 22, 23, 24 e 25 de outubro de 2008. Também por opção metodológica, foram selecionados os principais sentidos instituídos sobre a morte e sobre os mortos nos discursos de todos os locutores¹ presentes nas reportagens sobre a finitude humana nos

¹ Ducrot (1987: 182) disse que o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu

A produção de sentidos sobre morte no telejornalismo

dois telejornais. As edições analisadas têm como caso principal a cobertura do desfecho do sequestro de Santo André, interior de São Paulo, onde Lindemberg Alves, de 22 anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, como sua refém por mais de cem horas. O final do episódio resultou na morte de Eloá, no dia 18 de outubro de 2008, depois de ter sido alvejada por Lindemberg.

A questão da repetição de sentidos no JN e no JB torna este estudo interessante e intrigante. A observação da reprodução de determinados sentidos, o que é característica da paráfrase, vai permitir que se delineie a análise das matérias sobre a finitude humana no jornalismo televisivo, com foco no “Jornal Nacional” e no “Jornal da Band”. O presente artigo vai se deter, usando a metodologia da AD francesa, no estudo do texto verbal dos locutores das seis edições do “Jornal Nacional” e das seis edições do “Jornal da Band” que fazem parte do *corpus* deste estudo.

A transmissão da morte no telejornalismo está ligada a um trabalho de comoção social. Muitas vezes, mais forte que a discussão televisiva sobre a finitude humana é o debate sobre o risco iminente de ela ocorrer. A televisão, através da visibilidade que dá para as pautas relacionadas ao fim da vida, mostra-se como um instrumento de vigilância. O clima de insegurança em que as sociedades vivem, o assombro, o medo e os conflitos: tudo isso é condição para demonstrar que o público está constantemente exposto ao perigo da finitude. Há a exploração excessiva da sensibilização das pessoas. É causada a sensação de insegurança diante do risco de morte.

É evidente que, no cotidiano das sociedades, ocorre um grande número de mortes. Mas nem todas as pessoas que morrem vão ter espaços nos veículos de comunicação. Como já foi colocado anteriormente, Mouillaud (2002), falando do jornalismo impresso, situou que há diferentes tipos de mortos nos jornais. Segundo o autor em tela, há os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos nos conflitos, nas guerras e nas revoluções, que passam a fazer parte da história; e o “grande morto”, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

A morte faz parte da pauta cotidiana dos meios de comunicação. O tratamento do tema se dá de acordo com normas editoriais e com características singulares do sujeito em relação ao esquema-padrão do veículo de comunicação. Assim como na rotina das mídias são evidenciadas diferentes mortes, o tratamento dado a elas está relacionado com a posição que o morto ocupa no sistema social (FAUSTO NETO, 1991).

5. Jornal Nacional

O “Jornal Nacional”, ao apresentar a morte, demonstra que a falta de segurança está presente no contexto social. É

trabalhado com a lógica de que a sociedade corre riscos e qualquer pessoa pode ter a vida interrompida a qualquer momento.

O JN, no período analisado, mostrou-se “vigilante” para os perigos que a sociedade corre em relação ao fim da vida e discutiu de forma “considerável” o tema em sua pauta. Pelo discurso do telejornal, fica implícito que qualquer espectador pode ser vítima de um criminoso desequilibrado (SD1; SD2), de um jovem que mata por estar apaixonado (SD3; SD5); de um empregado mal-intencionado (SD4) ou de fenômenos da natureza (SD6).

SD1 – Lindemberg Alves (para a polícia – em gravações) – Sabe o porquê, mano? Muita gente aí fora vai pagar por isso. Muita gente vai sofrer e vai chorar.

SD2 – Lindemberg Alves (para a polícia – em gravações) – Não tenho expectativa de vida mais não, mano. Dá um tempo para mim que estou precisando ficar sozinho. Não quero ver ninguém.

SD3 – Repórter César Galvão – Há um mês, a avó, Francisca Batista Fernandes, esteve em São Paulo. O neto disse que estava apaixonado.

SD4 – Apresentadora Fátima Bernardes – O corpo do empresário Arthur Sendas foi enterrado nesta terça no Rio. A polícia vai indiciar o motorista que cometeu o crime por homicídio com intenção de matar.

SD5 – Apresentadora Fátima Bernardes – Exclusivo: o Jornal Nacional teve acesso ao depoimento de dois moradores do prédio onde morava Eloá, a jovem de 15 anos assassinada pelo ex-namorado, em Santo André, no ABC paulista.

SD6 – Apresentadora Renata Vasconcellos – 64 pessoas morreram em inundações pelas chuvas que atingiram o lêmen e dezenas estão desaparecidas; 1,7 mil casas foram destruídas, 20 mil pessoas estão desabrigadas. A região leste do País foi declarada zona de desastre pelas autoridades. O lêmen fica a extremo sul da Península Arábica.

As mortes que têm espaço no JN são aquelas que ocorreram de forma “diferenciada”, que fogem da normalidade cotidiana, que são espetaculares e que podem chamar a atenção do público.

Nas seis edições do “Jornal Nacional” que foram observadas, os casos de morte que tiveram destaque foram: Eloá, a jovem assassinada pelo ex-namorado depois de ficar mais de cem horas mantida em cativeiro (SD9); Arthur Sendas, um empresário conhecido, que morreu assassinado pelo motorista, em seu apartamento (SD7); a jovem de 16 anos que foi morta pelo ex-namorado, em frente ao filho do casal (SD8); a morte de parentes de uma atriz norte-americana famosa (SD11); e o falecimento de 64 pessoas em

A produção de sentidos sobre morte no telejornalismo

inundações por chuvas no lêmén (SD10). Estas mortes não são comuns, corriqueiras. Cada uma delas tem suas peculiaridades, que fazem com tenham destaque no cenário televisivo.

SD 7 – Apresentador William Bonner – Veja também: o empresário Arthur Sendas é assassinado no Rio.

SD8 – Apresentador William Bonner – Segundo a polícia, Daniel invadiu a casa de Camila Silva Araújo ontem à noite. O rapaz atirou na cabeça da jovem na frente do filho deles, de um ano. A família de Camila diz que ela e Daniel tiveram um relacionamento durante três anos e que, há quatro meses, ela rompeu o namoro.

SD9 – Apresentador William Bonner – O sequestrador e assassino da adolescente Eloá, Lindemberg Fernandes, foi transferido no início da noite para o presídio de Tremembé, no interior de São Paulo. A repórter Fernanda Cesaroni tem as informações.

SD10 – Apresentadora Renata Vasconcellos – 64 pessoas morreram em inundações pelas chuvas que atingiram o lêmén e dezenas estão desaparecidas; 1,7 mil casas foram destruídas, 20 mil pessoas estão desabrigadas. A região leste do país foi declarada zona de desastre pelas autoridades. O lêmén fica a extremo sul da Península Arábica.

SD11 – Apresentadora Renata Vasconcellos – Dois parentes de uma ganhadora do Oscar foram assassinados. Jennifer Hudson recebeu o prêmio de melhor coadjuvante ano passado por “*Dreamgirls* – Em busca de um sonho”.

E evidencia-se que os “convidados a morrer” no “Jornal Nacional” foram pessoas que faleceram em situações distintas, de destaque, e pessoas que tiveram evidência no cenário social, como um empresário de sucesso e os parentes de uma atriz conhecida.

Cabe apontar, a partir de Fausto Neto (1991), quando ele afirmou que o destaque no sistema social dá lugar a um morto na mídia, que o empresário Arthur Sendas e os familiares da atriz norte-americana Jennifer Hudson ganharam espaço no telejornalismo por posição social. Na cobertura do JN à morte de Sendas, foi ressaltado que ele era um empresário de destaque. O telejornal enfatizou que Jennifer Hudson foi vencedora do Oscar e que recebeu o prêmio de melhor atriz coadjuvante.

6. Jornal da Band

O “Jornal da Band”, da mesma forma que o “Jornal Nacional”, ao abordar a morte, tem um discurso voltado para reforçar ao público a questão da falta de segurança no cotidiano.

É perceptível que o telejornal enfatiza ao espectador que há um risco constante de morte. Em comparação com o “Jornal Nacional”, o “Jornal da Band” tem um discurso mais contundente quanto à abordagem do risco de morte, o que é possível verificar nas SDs 12, 16 e 17, que dão uma saliência à presença da violência na sociedade brasileira, e nas SDs 13, 14 e 15, que mostram uma análise do comportamento de um criminoso passional, apontando que esse tipo de crime pode se configurar em diversas situações nas relações amorosas frustradas.

Para ter espaço no JB, a morte tem que ter suas singularidades. Ela não pode ser banal e corriqueira, tem que ser espetacular.

SD12 – Repórter Kiko Ribeiro – Flores para Eloá, pedidos de justiça, um apelo para o fim da violência contra a mulher.

SD13 – Luiza Nagib Eluf (Procuradora de São Paulo) – O homem mata a mulher para se vingar de uma rejeição e ele mata porque ele acha que aquela mulher é um objeto dele.

SD14 – Jacob Goldemberg (Psicólogo) – O tempo todo ele fica entre a impotência e a onipotência. Eu quero que a outra menina volte. Agora, eu quero que ascenda a luz.

SD15 – Luiza Nagib Eluf (Procuradora de São Paulo) – É passional, é cruel, e ele tem um ódio imenso dentro de si, ele é destruidor.

SD16 – Repórter Márcio Campos – Representando o Governador José Serra, o secretário estadual de Justiça, Luiz Antonio Marrey, disse que haverá uma investigação profunda sobre o desfecho do sequestro. Após o enterro, Marrey classificou a sociedade brasileira como violenta.

SD17 – Luiz Antônio Marrey (Secretário de Justiça de São Paulo) – Infelizmente, numa sociedade difícil e ainda violenta como a sociedade brasileira, é difícil que outros episódios não ocorram. Portanto, nós temos que estar preparados para fazer intervenções e tentar salvar as vidas.

Quanto aos mortos que tiveram espaço no “Jornal da Band”, nas seis edições observadas, foram enfocados os seguintes: o caso da adolescente Eloá (SD19); a morte de Arthur Sendas (SD18); o garoto de 17 anos morto em frente à escola por um segurança do estabelecimento (SD20); a adolescente de 15 anos que foi encontrada morta em porta-malas de carro (SD21); a morte dos parentes da atriz Jennifer Hudson (SD23); e um crime, em um posto de gasolina, que resultou na morte de um jovem (SD22).

SD18 – Apresentador Boris Casoy – No Rio: motorista da família suspeito do assassinato do empresário Artur Sendas, de 73 anos.

SD19- Apresentador Boris Casoy – Boa noite! Milhares de pessoas já foram ao cemitério de Santo André, na gran-

A produção de sentidos sobre morte no telejornalismo

de São Paulo, para se despedir de Eloá Cristina. A adolescente foi morta pelo ex-namorado na sexta-feira, depois que a polícia invadiu o apartamento onde ela era mantida como refém com uma amiga.

SD20 – Apresentadora Ticiania Villas Boas – um aluno morreu depois de ser baleado na porta de uma escola estadual em Goiânia. Kelson, de 17 anos, tentava acabar com uma briga entre colegas e levou um tiro no peito. O disparo foi feito pelo segurança do colégio, Daniel Moraes Jesus, que está foragido.

SD21 – Apresentadora Ticiania Villas Boas – A vítima é uma adolescente de 15 anos. O corpo foi encontrado pela polícia depois da perseguição ao carro que tinha sido roubado na zona norte da cidade. O motorista foi preso e está prestando depoimento na delegacia.

SD22 – Apresentador Fernando Vieira de Melo – Uma discussão num posto de gasolina terminou num assassinato dum jovem, perto de Brasília. O crime foi gravado pelo circuito interno.

SD23 – Apresentadora Ticiania Villas Boas – A polícia americana prendeu hoje o suspeito de ter matado a mãe e o irmão da atriz americana Jennifer Hudson, vencedora do Oscar em 2006.

Com uma análise das sequências discursivas do “Jornal da Band”, é pertinente destacar que os convidados a morrer no telejornal foram pessoas que tiveram destaque na sociedade, ou que morreram em situações específicas, espetaculares.

7. Considerações finais

Com uma análise do “Jornal Nacional” e do “Jornal da Band”, é pertinente reiterar que a morte apresentada nos dois telejornais é espetacular, dotada de “ingredientes” que chamam a atenção do público, e que os convidados a morrer no telejornalismo são “distintos” e com “singularidades”. Não é qualquer morto que vai ser “visível” na TV. Conseguem espaço no meio televisivo aqueles mortos que, quando vivos, tiveram destaque no sistema social (FAUSTO NETO, 1991) ou que alcançaram seu fim em situações peculiares, espetaculares e que merecem destaque.

É possível assinalar que situações de morte que se repetem nos programas estudados são a de jovens assassinadas por namorados após o término de relacionamentos. A apresentação na TV desses assassinatos de garotas, com motivação de ordem passional (cada caso com desenrolar específico e com detalhes diversificados), reitera a argumentação de que a morte, para ganhar a cena do telejornal, precisa ser diferenciada e ter suas peculiaridades.

Concorda-se com Rodrigues (1983) quando ele disse que as mortes que têm visibilidade nos meios de comunicação (as mortes excepcionais, violentas, acidentais, catastróficas, criminosas, que atingem pessoas famosas ou que são espetaculares) são simplesmente mortes que ocorrem na tela da televisão ou sobre um papel de jornal, mas que elas não perturbam o ritmo da vida cotidiana dos espectadores. Essas mortes são distantes do cotidiano das pessoas e não levam o homem a pensar na sua finitude e a fazer reflexões sobre a sua existência.

A produção de sentidos sobre morte no telejornalismo

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Tradução de Priscila Viana. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. In: XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS. GT Comunicação e Sociabilidade. *Anais...* São Paulo: Compós/Umesp, 2004.
- CANAVILHAS, João. *Televisão: o domínio da informação-espectáculo*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação – Bocc, p. 1-11, Covilhã, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=canavilhas-joao-televisao-espectaculo.html>.
- COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia no telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em televisão*. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: Umesp.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- FAUSTO NETO, Antonio. *Mortes em derrapagem*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- FECHINE, Yvana. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. In: XV ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS. *Anais...* Bauru: Compós, 2006.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas: Unicamp, 1998.
- MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 2002. ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- _____. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SCZPACENKOPF, Maria Izabel. *O olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SIMMEL, George. A metafísica da morte. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. *Política & Trabalho*, ano 14, n. 14, p. 177-182, João Pessoa, setembro, 1998,
- WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.